

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	13 / 11 / 97
cod.	HMD 00003

**ELEMENTOS PARA
PLANO DE TRABALHO
ENTRE A POPULAÇÃO HUPDÊ-MAKU¹**
(Da região interfluvial dos Rios Papuri e Tiquié)

Introdução

A população Hupdê nestes últimos 40 anos vem sofrendo por parte das intervenções das instituições presentes no município de São Gabriel² uma complexa abordagem cujo trabalho vem produzindo um desequilíbrio entre os diversos grupos locais Hupdê. É minha intenção nestas páginas apresentar alguns subsídios para um plano de trabalho entre os Hupdê. Na realidade, gostaria de tirar da gaveta alguns elementos de uma proposta que já foi objeto de discussão em São Gabriel pelo menos no junto a FUNAI em 1985 quando eu terminava um período de minha pesquisa de campo nesta região.

Acredita-se que a atual conjuntura política no município favorece para uma nova abordagem e a implantação de um projeto específico entre os Hupdê. É imprescindível que haja uma coordenação entre as diversas instituições que atuam no âmbito do município para que possa haver um sucesso desejado nas intervenções coordenadas. Do contrário, será mais uma iniciativa que provocará um descrédito ainda maior por parte das populações indígenas. Espera-se que a partir de discussões sobre estes subsídios se possa iniciar um trabalho na área Hupdê que venha gerar um impacto positivo e assim, ser reproduzido para outras áreas que tenham características semelhantes.

Quem são os Hupdê

Os Hupdê da família lingüística Maku habitam tradicionalmente o território da região interfluvial do Rio Papuri e Rio Tiquié afluentes da margem direita do Rio Uaupés. Estão espalhados em mais de 35 aldeias (grupos locais) estimados em um total de 1.300 indivíduos. Existem outros grupos conhecidos também como Maku na bacia hidrográfica do Rio Negro. Cada um deles, com sua língua própria, praticamente vivendo no interior da floresta nos pequenos igarapés que lhes garante uma identidade própria.

Os **Yohupdê**, por exemplo, vivem nos igarapés da margem direita do Rio Tiquié (Castanho, Samaúma, Cunuri e Ira) são menos numerosos e quase não

¹ Este texto foi elaborado para ser circulado entre as instituições que atuam na área indígena.

² Missões (católica e protestante), FUNAI, Prefeitura, FNS...

têm contato com os Hupdê. Os Bará-Maku ou **Cácuá** vivem nos Igarapés da margem do Rio Papuri em território colombiano. Ainda em território colombiano, estão os **Nukak** nos rios Guaviari e Enírida. Os **Dâw** conhecidos popularmente como Kamã vivem nos arredores de São Gabriel da Cachoeira, porém seu território tradicional são os Igarapés do Rio Curicuriari. Hoje os Dâw estão reduzidos a no máximo 100 pessoas e são facilmente visto embriagados em São Gabriel. Finalmente, os **Nadöb** em contato permanente com os regatões vivem do extrativismo nos rios Jurubaxi e Eneuexi afluente da margem direita do Rio Negro.

Pela situação geográfica das localizações de suas aldeias os Tukano foram descritos como *índios-do-rio* enquanto Hupdê foram descritos como *os índios-da-floresta* ou simplesmente Maku. A palavra maku é de origem Arawak e significa “sem fala ou sem [nossa] língua” [‘m = prefixo privativo / aku = fala/língua]. Este termo foi inicialmente empregado pelos índios do grupo Arawak e em seguida passou a ser usada em toda região com um significado de atrasado, selvagem...etc.. Hoje este termo tem um conteúdo depreciativo podendo, às vezes, ser até ofensivo. Já faz parte do português regional.

Uma das características dos Hupdê é relação histórica, permanente e complexa que estes mantêm com os índios da família lingüística Tukano orientais (Desana, Tuyuka e Piratapuia e Tariano³, principalmente) habitantes dos Rios Uaupés, Tiquié e Papuri. Esta relação interétnica faz parte da tradição dos povos desta região e que merece ser preservada como forma de garantir o equilíbrio cultural dos povos do Alto Rio Negro.

A relação que os Hupdê mantêm com os grupos lingüístico Tukano foi já descrita como simbiótica, assimétrica e hierárquica ou mesmo como relações patrão-cliente. O comportamento dos Tukano em relação aos Hupdê é justificado através dos mitos que contam a origem dos povos da região. Os Hupdê, portanto, de acordo com versões Tukano do mito de origem, foram os últimos⁴ a saírem para este mundo, conseqüentemente são considerados como sendo inferiores, os menores dentro de uma escala hierárquica pelos Tukano⁵ e por isso sujeitos a trabalhos dito inferiores os quais apenas os clãs inferiores o fazem. Este sistema hierárquico característica importante desta região marca profundamente todas as relações interétnicas. Entre os grupos Tukano a hierarquia pode ser percebida no interior de um sib.

Para ir mais além, a concepção de humanidade que os Tukano acreditam, como por exemplo, habitar nas margens dos rios, plantar a mandioca, casar com alguém que fale uma língua diferente. Esses elementos não encontra

³ Os Tariana pertencem ao tronco lingüístico Arawak porém encontram-se entre os Tukano no Rio Uaupés e Papuri.

⁴ Em outras versões foram os primeiros a saírem para este mundo, com o objetivo de ajudar os Tukano a saírem da canoa-anaconda.

⁵ Os clã/sibs dos grupos indígenas da família tukuno também são hierarquizados numa escala de senioridade.

correspondente entre os Hupdê. Estes fogem completamente deste padrão, por isso não são considerados como gente [Mahsã] segundo os Tukano. Para os Tukano os Hupdê são [pohsá] ou seja gente estragada. No entanto hoje, percebe-se que são Hupdê que ainda conservam bastante as tradições e expressões culturais dos povos da bacia do Uaupés. E por este fato são respeitados pelos demais grupos indígenas. Os Hupdê são também respeitados pelo seu xamanismo em toda a região. "O sopro⁶ dos Hupdê é muito forte" dizem os Tukano.

Tradicionalmente, os clãs de chefes Tukano sempre tiveram Hupdê para fazer determinados serviços domésticos em troca de produtos de roças (mandioca) ou industrializados (roupas e munições). E, em muitos dos casos se dá uma troca efetiva, por exemplo: os Hupdê trocavam caça por mandioca, uma vez que são caçadores. Outro produto específico dos Hupdê que são usados para as trocas é o aturá. Pois eles são responsáveis pela confecção do aturá [mãï] utilizado em toda a região por todos os grupos linguísticos Tukano e Arawak. Essa especialização de produtos manufaturados também é uma característica importante dos povos indígenas desta região e que outrora eram usados nos dabucuri marcando assim a identidade de cada um. Os Tukano especializados nos bancos, os Desana tinham os artefatos feitos de cipó (urutus e tipitis) relacionados com a produção da mandioca. Os Tuyuka responsáveis pela fabricação da canoa. Os grupos Arawak fabricam os vários tipos de raladores de mandiocas, etc.

Tradicionalmente os Hupdê vivem em aldeias/grupo local com uma população de 15 até no máximo de 50 pessoas e geralmente cada grupo local compreende membros de um ou dois clãs. Cada grupo local é formado por vários grupos de fogo. Cada grupo de fogo representa a unidade mínima de produção e consumo. Os grupos locais estão geralmente localizados nas cabeceiras dos pequenos Igarapés da região interfluvial do Rio Papuri e Tiquié. Os grupos locais perambulam dentro de uma área tendo sempre como referência um dos Igarapés, porém não migram além desta área determinada senão por um espaço de tempo que pode ser por visitas aos sogros ou por um período de caçadas. Essas visitas são periódicas e representam um elemento importante na regeneração dos recursos renováveis desta área de perambulação de cada grupo local.

Em cada grupo local, existe a presença de um homem mais velho de referência que lidera o grupo. Este geralmente sabe contar a história dos ancestrais do clã. Não se pode confundir este "homem de referência" com o "capitão" que em muitos dos casos são escolhidos em função do relacionamento com os missionários e outros agentes. Estes capitães geralmente articulam um sofrível português e são os intermediários entre os agentes não-índios com o mundo Hupdê. Eles, muitas das vezes têm que saber interpretar muito bem para o

⁶ Sopro, é a palavra usada no português regional que significa tanto o benzimento como a feticharia executado pelos indígenas da região. O sopro pode curar como também pode matar.

grupo local Hupdê as idéias, conceitos e interesses da sociedade envolvente. Esta tarefa não é fácil, principalmente devido as diversas abordagens que os grupos que entram em contato com os Hupdê têm em relação a eles próprios.

Os Hupdê como caçadores profissionais conhecem profundamente a floresta e trabalham pouco a agricultura extensiva como seus vizinhos os Tukano. Estão dispersos em mais de 20 clãs. Cada um dos clãs reconhecem um ancestral comum e um conjunto de práticas cerimoniais de conhecimento próprio de cada clã. Os casamentos se dão entre os diversos clãs. O casamento no interior de um mesmo clã é considerado incestuoso. Enquanto os grupos Tukano consideram incestuoso casar no interior de um mesmo grupo lingüístico. O local de residência também difere dos Tukano. O recém casal Hupdê pode residir tanto no grupo local do pai, é o mais comum de se encontrar, como também pode residir no grupo local do sogro. E como todos os grupos indígenas do Alto Rio Negro praticam o Dabucuri e celebram o Jurupari até hoje.

Neste últimos anos suas áreas vem passando por um processo acelerado de redução dos recursos renováveis. Os grupos Hupdê como a maioria dos povos caçadores e coletores que habitam a floresta vivem no limite necessário para sobreviver o dia-a-dia. Este limite é tênue qualquer desequilíbrio pode provocar enormes perdas para um grupo local. Então qualquer mudança repentina põe em risco este ritmo cotidiano de busca de alimentos. Suas aldeias são estabelecidas estrategicamente nas cabeceiras de igarapés que favorece a caça tanto para efetuar trocas por produtos manufaturados com os Tukano quanto para o consumo do grupo local. Em muito dos casos os produtos manufaturados, objetos destas trocas, foram já usados anteriormente pelos Tukano. Portanto é comum ver em grupos locais objetos como ralos e panelas já no limite do seu uso, bem como as roupas que são passadas para os Hupdê que dão a impressão de mendigos maltrapilhos.

Tendo em vista esta situação os Hupdê encontram-se em um processo de mudanças internas onde o principal problema é a falta de alimentos. Por causa disso os Hupdê estão procurando cada vez mais povoados Tukano para minimizar esta situação de fome que na realidade está assolando os povoados dos principais rios da região. Cabe aqui dizer também que os índios Tukano estão enfrentando problemas semelhantes, sobretudo aqueles que tem suas aldeias localizadas nas cabeceiras dos grandes rios.

História do contato recente

Os Hupdê-Maku apesar de serem sempre citados em documentos de cronistas, missionários, naturalistas, etnógrafos e antropólogos desde o final do século passado, o contato mais permanente com estes grupos é recente. Acho importante relatar sucintamente esta história para se tirar lições das diversas experiências que vem sendo executada na região.

O contato mais intenso de missionários e outros agentes da sociedade com estes grupos iniciam-se na realidade, em 1950 apesar de inúmeras tentativas feitas anteriormente sem resultados. O padre Giaccone em seu livro sobre os Tukano (1949) relata algumas das experiências que ele mesmo havia tentado. O modelo evangelizador⁷ criado pelos missionários atraindo os Tukano para o internato não deu certo com os Hupdê que sempre preferiram ficar em seu território. Padre Giaccone conta que quase todos que os foram levados para o internato depois de algum tempo fugiam.

Já que o internato não foi aceito pelos Hupdê a iniciativa missionária de maior porte deu-se no início dos anos 50 com a abertura de uma estrada que ligaria o Rio Tiquié até Yauareté. Esta estrada de 65Km iniciou-se no povoado Tukano hoje conhecido como Boca de Estrada no Tiquié passando por um território bem tradicional Hupdê nos igarapés Traíra, Taracué, Cabari, Dohdeh e Japu. Com a estrada construída e a Missão então pretendia instalar aldeias Hupdê ao longo da estrada com objetivos de mantê-la e facilitar o acesso dos missionários para suas atividades pastorais. É interessante escutar as histórias que os Hupdê que participaram desta construção contam a respeito desta experiência. Não deu certo. Na realidade os Hupdê nunca vieram entender o interesse e o motivo de tanto gasto de energia humana na construção desta estrada.

Em 1962, foi criado então o primeiro povoado-missão, conhecido como Serra dos Porcos [Ton Haiã] ou Santo Atanásio⁸ em um território considerado Hupdê e recebia freqüentes visitas missionárias através de um caminho (4 horas) que sai de Ituim povoado Tukano do Papuri, hoje apenas um sítio. Serra dos Porcos foi um laboratório de experiência. Ali atualmente existe um Posto da FUNAI, já foi residência de missionários do Instituto Lingüístico de Verão e hoje conta com uma população de 280 pessoas. Para minimizar as tensões das disputas clânicas nestes últimos anos este povoado-missão dividiu-se em três 'bairros' interligados cada um com um capitão. Porém, as crianças de cada um destes bairros frequentam a mesma escolinha.

Este modelo de povoado-missão será reproduzido em outros lugares durante as décadas seguintes. A concepção central deste modelo situa-se na concentração de vários grupos locais Hupdê em uma determinada área com apoio dos missionários e de outros agentes e com implantação de escolinhas com professores não-Hupdê.

Então, na década de 70 o modelo é fortalecido a missão tem pessoal, recursos e assim são criados outros povoados-missão: Taracué Ig., Fátima no Tiquié que não deu certo por está completamente fora do território tradicional Hupdê, Wanguiar (Igarapé do alto Papuri) e Nova Fundação localizada no igarapé

⁷ Veja por exemplo o trabalho do Pe.ACIONILIO BRUZZI, *O método Civilizador Salesiano*, onde ele descreve sucintamente as técnicas usadas pelos missionários na região.

⁸ Santo Atanásio foi o nome dado pelo Brigadeiro Protásio então Comandante de todas operações da Aeronáutica na região, quando retomou a pista de aviação construída pelos missionários do ILV para uso da Aeronáutica e a criação de PIN da FUNAI.

Cucura em terras consideradas Desana. Muitos dos Hupdê atualmente moradores em Nova Fundação habitavam as cabeceiras do Cucura em território Hupdê.

Em 1974, no Tiquié a Missão inicia uma campanha com o seguinte slogan: "Somos todos missionários"⁹ incentivando os já evangelizados Tukano a irem evangelizar os Hupdê. Esta campanha veio em oposição a um plano que se pretendia realizar através da Funai e coordenado pelo então antropólogo Peter Silverwood-Cope para a população Hupdê. Neste afã, outra grande aldeia Hupdê é incentivada, a aldeia de Barreira no Tiquié que tem uma história de formação diferente dos outros povoados-missão. Estes foram trazidos para viverem ao lado do povoado Tukano.

No espaço de dez anos (1983-1993) os Hupdê de Barreira mudaram três vezes a localização de sua aldeia. Hoje estão na margem do Rio Tiquié ao lado de Barreira convivendo o mesmo espaço. Isso só foi aceito pelos Tukano residentes em Barreira pelo fato destes mudarem todas as suas roças para outra margem do rio. As antigas roças, hoje capoeiras, são geralmente usadas pelos Hupdê. Em termos de perspectivas nos anos vindouros posso ver duas alternativas possíveis para esta situação: a) Os Tukano se mudarem para outra margem do rio ou b) Os Hupdê se retirarem deste local. Em 1984 este grupo local Hupdê estava estimado em 48 pessoas hoje estão com uma população de 110 pessoas enquanto os Tukano não chegam a 20 pessoas. Aqui neste povoado a escolinha praticamente só tem alunos Hupdé.

Todos estes povoados-missão, que atualmente são sete (Wanguiar, Serra dos Porcos, Cabari, Taracua Igarapé, Barreira, Nova Fundação e Boca do Umari concentram quase a metade da população total dos Hupdê. E são nestes povoados onde se encontram foco de doenças como a tuberculose. Como se trata de povoados populacionalmente denso, fugindo da regra tradicional dos povos indígenas da região, estes abrigam diversos grupos locais fazendo com que a área de perambulação fonte de recursos ao redor destes povoados logo são exauridas provocando assim falta de alimentos necessários para suprir as necessidades locais. Estes povoados favorecem as inúmeras disputas interclânicas gerando tensões desnecessárias se estes estivessem em grupos locais separados.

Hupdê dâm... Wern pã (Muita Gente...pouca comida)

Um dos principais problemas que se encontram na área Hupdê refere-se a concentração de pessoas em um determinado local. Estes grandes povoados costumam de chamar povoados-missão. Durante estes últimos 30 anos todo o trabalho realizados entre eles foi o de criar a necessidade de uma escola. A

⁹Veja para detalhes desta atividade o Boletim da Prelazia do Rio Negro (1974).

escola apresentada e justificada como a salvação para todos os problemas dentro da perspectiva dos "agentes da civilização". A implantação de escolas em aldeias provocou então como disse anteriormente a concentração de diversos grupos locais Hupdê em lugares que não são considerados territórios Hupdê. Foram criados novos aldeamentos inclusive ao lado dos povoados Tukano na margem dos rios como no caso Barreira e Boca do Umari Norte.

Hoje a situação é dramática pois muitos deles estão perdendo seus pontos de referência. E estão sendo expostos a necessidades que antes não existiam. Em uma conversa com um velho Hupdê em Vila Fátima¹⁰, uma aldeia que está localizada atrás do povoado Tariano de Santa Maria em Yauareté, me dizia: "Nós não estamos entendendo o que está acontecendo... estamos confusos". Esta afirmação mostra claramente que os referenciais existentes estão sendo mudados rapidamente sem a absorção por parte dos Hupdê dos significados deste processo de mudanças em toda a região, o garimpo, a militarização das fronteiras, a queima das plantações de coca, o movimento de associações indígenas e migrações no Alto Rio Negro.

O discurso e a preocupação existente no dia-a-dia entre os Hupdê não são as mesmas que existem entre os ribeirinhos. A maioria dos grupos locais tem o tempo, os animais, a caça, o ipadu, tabaco...etc. como temas centrais de suas conversas e até hoje não entendem o que é organização tal como os Tukano as reproduzem em suas áreas. Em outras palavras existem interesses diferentes e muitas das vezes, opostos entre Hupdê e os Tukano. A principal preocupação entre os Hupdê ainda é como conseguir comida no dia seguinte. Estocar os excedentes não faz parte da forma tradicional deste povo se relacionar com a comida.

Os grandes povoados, como Serra dos Porcos, Wanguiar e Nova Fundação estão passando nestes últimos cinco anos por uma reorganização interna dos clãs. Estão se criando como disse anteriormente 'bairros', ou seja grupos de casas separadas. Nova Fundação por exemplo tem três aglomerados distantes uns dos outros por cinco minutos de caminhada. Esta reorganização apesar de minimizar as disputas interclânicas não soluciona entretanto o problema de recursos alimentares, pois todo ao redor está completamente esgotado e ainda mais o gado em Nova Fundação ocupa um espaço considerável sem no entanto de ser uma alternativa econômica real para os Hupdê que não têm tradições pastorais. E estes ainda se vêem como sendo aqueles que guardam o gado que não são deles e cuidam da estrada¹¹ do padre.

A mais recente investida é a recém criada aldeia de Boca do Umari Norte, na margem do Rio Tiquié, onde 72 Hupdê deixaram seu território tradicional nas cabeceiras do Igarapé Umari Norte e foram levados pelo professor da escolinha

¹⁰ Em 1984 esta aldeia em 1984 contava com uma população de 21 pessoas hoje estão ao redor de 57 pessoas. O aumento populacional nesta aldeia está ligado ao crescimento de Yauareté.

¹¹ Uma estrada que liga o povoado ribeirinho de Santa Luzia à Nova Fundação e por onde um trator faz o percurso e de uso apenas do missionário.

para este novo local que favorece única e exclusivamente o trabalho do professor além de colocar mão-de-obra mais facilmente disponível para os povoados ribeirinhos. Suas casas ainda podem ser vista como temporárias, apenas uma tinha o telhado completo apesar de estarem ali pelo menos a dois anos. Não vi nenhum instrumento, como machados e facões inteiros dando condições reais para um trabalho. Existe apenas um forno, furado pela ferrugem, para a preparação do beiju usados por todos.

Esta política vem sendo a constante nestes últimos anos. Outro aspecto desta política é o deslocamento de Hupdê para viverem em povoados ribeirinho com a justificativa de colocar seus filhos na escolinha local. Na realidade, esta preocupação com escolarização dos Hupdê está muito mais com professor não-Hupdê que os trazendo para morar em seu povoado quer garantir a continuidade da sua escolinha e não perder seus vencimentos.

Em última instância, a escola tem provocado nestes últimos anos a migração em diversas escalas em toda a região. Com o encerramento dos internatos missionários sem uma alternativa viável aos problema da escolarização, fizeram que todos aqueles que quisessem continuar estudando fossem obrigados a mudar. Então, famílias inteiras foram obrigados a construir casas e roças nos centros missionários duplicando assim seus trabalhos para garantir sua sobrevivência.

Os centros missionários onde estão localizadas as escolas de 1o. Grau, cresceram indiscriminadamente, provocando assim enormes problemas sociais e sobretudo aumentando a possibilidade de incidências de doenças. Yauareté, por exemplo cresceu em mais de 1.000 por cento no período de 10 anos. Quem visita hoje Yauareté depara-se com uma grande favela e com todos os problemas de uma favela de periferia de cidade. Inclusive com doenças sexualmente transmissíveis devido principalmente a presença permanente de soldados dos pelotões de fronteira.

A migração para os centros missionários vem sendo uma constante em toda a região e a escola é a principal justificativa para este movimento de acordo com as entrevistas realizadas por mim nestes período que estive na área. Neste sentido, haveria-se a necessidade de pensar urgentemente em uma alternativa viável onde pudesse colocar um freio nesse processo migratório e assim poder garantir o equilíbrio cultural dos povos do Alto Rio Negro.

Neste período que estive na área surpreendi-me com o fato que a dispersão dos Hupdê para fora de seu território tradicional está aumentando consideravelmente. De acordo com minhas observações essa dispersão que se dá além da necessidade escolarização que já mencionei acima, está ocorrendo pela necessidade de buscar alimentos. E comida para os Hupdê em última instância significa trabalhar para outros. Como a situação não está fácil também para seus parceiros preferenciais, os Tukano complica ainda mais a situação entre os Hupdê. Na realidade, a busca de excedentes na produção de farinha

aumentou com o crescimento dos centros urbanos que necessitam cada vez mais deste produto. Com isso a necessidade de Hupdë para o trabalho nas roças aumentou sensivelmente nestes últimos anos.

Em meu recenseamento de 1984 e 1988 não havia notado a presença permanente de grupos de fogo e grupos locais Hupdë em povoados Tukano. Na realidade, 1984 existiam apenas cinco povoados dos grupo lingüístico Tukano com presença permanente de grupos locais Hupdë: Jabuti e Barreira no rio Tiquié, Abacate no igarapé Turi e Santa Marta no Igarapé Urucu, e Santa Maria no rio Uaupés. Atualmente, além destes povoados acima existem outros nove povoados com presença permanente de Hupdë, a saber: São Luís, Santa Rosa, São Francisco e São José II no Rio Tiquié, Piracema e Tocandira no Igarapé Umari, Vila Nova e Jacaré Banco no Rio Japu e Uaracu no Rio Uaupés de acordo com minhas observações deste ano.

Como se sabe que os Hupdë são excelentes trabalhadores estes estão sendo levados para além de sua área tradicional, atualmente encontra-se Hupdë trabalhando no sítio de funcionários da FUNAI na margem esquerda do Rio Uaupés, na boca do rio Japu. Outros podem ser encontrados na fazenda de Comerciantes em São Gabriel e no baixo Rio Uaupés (Monte Cristo) e um número maior nas roças de ex-vereadores em São Gabriel. Tive a oportunidade de visitar, são 22 pessoas que mais de 3 anos perambulavam entre as roças de moradores de São Gabriel. Estes pediram-me que organizasse sua volta para a área, pois estavam com vontade de retornar ao seu lugar tradicional.

A redução das fontes de alimentos dos rios e da floresta, o peixe e a caça, é um fato inegável. Uma alternativa para a crise de alimentos se faz imperativa para dar fim a um processo de desnutrição crônica já instalado em vários níveis entre as populações nos diversos rios da bacia do Alto Rio Negro. Esta preocupação de buscar alternativa já faz parte das agendas das lideranças indígenas em vários locais e associações. As comunidades estão abertas para qualquer iniciativa sustentável neste sentido. Seja através de implantação de projetos de piscicultura ou de criação de animais em cativeiro que possam garantir a cota de proteínas necessárias para as populações indígenas. Quem mais vem sofrendo essa escassez alimentar são os Hupdë que nunca trabalharam uma agricultura extensiva que gera excedentes para troca. Estão sendo submetidos cada vez ao trabalho na produção de mandioca.

Como resultado desse processo a situação de saúde das populações indígenas encontra-se em um estado lamentável de deteriorização. A situação de saúde entre os Hupdë caracteriza-se por um padrão onde ocorre o predomínio de doenças infecto-contagiosas tais como a tuberculose, surtos de malária, infecções agudas do sistema respiratório e digestivo (gripes, pneumonias e diarreias), infecções de pele, hepatite, etc... a ocorrência destas doenças seguramente relaciona-se a mortalidade nestas áreas bem como possuem indiscutível custo social visto que acarretam a incapacitação temporária ou permanente par a execução do trabalho indispensável a sobrevivência.

Estratégias para uma ação

Todas as ações entre a população Hupdê deveria ser organizada de uma forma integrada e como disse anteriormente, acredita-se que a conjuntura política no município favorece para que todas as instituições do município movesse ações integradas neste área. Está comprovado que os grande aglomerados são responsáveis pelo desequilíbrio que está ocorrendo entre os Hupdê portanto todas as ações deveriam ser executadas sem incentivar ou fortalecer a idéia destes aglomerados. Talvez esse seria eixo central de um plano que poderá apresentar uma dificuldade, pois trata-se na realidade de reverter o modelo que foi imposto nestes últimos anos para esta população e vai por outro lado contra o movimento migratório pelo qual está passando a população de toda a região que está vendo como alternativa a busca de empregos e a concentração em grandes centros. Veja por exemplo, o processo de crescimento indiscriminado que está ocorrendo em Yauareté, Pari e Taracua.

Saúde

As principais doenças incidentes na área Hupdê são a tuberculose, as verminoses, as doenças de pele e as infecções por clamídias que está provocando o aumento do número de pessoas com cegueira. A questão da imunização encontra-se deficiente pela fato dos Hupdê viverem em sua maioria em lugares de difícil acesso.

O tratamento dessas doenças se torna difícil pelo fato dos Hupdê não entenderem a forma terapêutica das doenças e muito menos compreenderem como estas se manifestam e são transmitidas. Conseqüentemente eles não têm remédios em sua medicina tradicional. No entanto, os Hupdê têm consciência que essas doenças são resultado do contato. Todos eles dizem que essas doenças vem subindo o rio. As gripes são consideradas verdadeiros terror, muitos fogem para o interior da floresta quando um surto de gripe aparece em um grupo local.

Como a situação de saúde é séria, necessita-se iniciar uma ação curativa emergencial com o objetivo de reduzir a fase de contágio. O trabalho de saúde na área então, deverá ser realizado em várias etapas antes de se chegar as atividades meramente preventivas. Paralelamente as atividades curativas deveria-se iniciar um levantamento de pessoas Hupdê que poderiam ser capacitadas como agentes de saúde em uma etapa posterior. Acredita-se que este trabalho de treinamento de agentes de saúde Hupdê será o mais lento e portanto deveria ser bem pensado antes de iniciar.

Então a primeira etapa deveria-se constituir de um registro completo de toda a região. Este registro poderia ser em forma de um prontuário individual ou familiar com fotografia. O objetivo desta etapa seria o de detectar onde

encontram-se os principais focos das doenças para iniciar a ação curativa e procurar o tratamento no local, pois sabe-se, que os Hupdê dificilmente terminam um tratamento de tuberculose quando são transportados para fora de sua área. Este então, será o maior desafio, o de realizar os exames laboratoriais e clínicos e em seguida o tratamento no local, ou seja em sua área tradicional.

Neste sentido, vendo a extensão da área e que em maioria dos grupos locais encontram-se pessoas com tuberculose deveria-se pensar em construir malocas e uma estrutura mínima em lugares estratégicos onde se possa colocar as pessoas para o tratamento. Pessoalmente acredito que só desta forma se conseguiria reduzir os casos de tuberculose na área. Esta seria então a segunda etapa de um trabalho de saúde na área.

A terceira etapa seria o início de atividades preventivas em conjunto com as atividades de treinamento de agentes de saúde local. Até o início desta etapa já se teria o levantamento dos possíveis agentes de saúde para serem treinados bem como o programa dos cursos de capacitação.

Educação

A escola tal como foi implantada é responsável hoje pelo processo migratório que está em andamento na região como um todo. Já houveram inúmeras reuniões e encontros com os professores das escolinhas para adaptar o currículo e tornar a escola mais perto da realidade dos povos indígenas. Tirar da gaveta estes planos seria uma tarefa importante a realizar. Porém em relação aos Hupdê acredita-se que poderia-se iniciar uma experiência com um outro modelo de escola respeitando as características culturais deste povo. Não tenho tanta certeza que a escola é vista como uma necessidade pelos Hupdê como é hoje para os povos Tukano. Em muitos grupos locais não existe mesmo interesse de escolarização. Na realidade eles não vêem que benefício possa trazer uma escola. Para este trabalho também visualizo em duas etapas e como na área de saúde deveria-se pensar em uma área piloto para iniciar esta atividade.

O modelo de escola a ser implantado na área Hupdê deveria ser bilingüe com um currículo totalmente adaptado à região. Necessidade de uma cartilha Hupdê, seleção e treinamento para monitores bilingües. A área piloto para este projeto de educação ao meu ver poderia ser todos as aldeias entre Nova Fundação e Serra dos Porcos. Nesta área não seria difícil encontrar pessoas para serem treinadas como monitores. Pois existem vários rapazes e moças que chegaram a concluir a quarta série primária nos povoados-missão e alguns chegaram até estudar em Manaus na Escola Rainha dos Apóstolos que dá uma formação agropecuária a estudantes índios. A idéia de ensinar a ler e escrever na própria língua será uma incentivo muito grande e a produção de textos para a escola pode-se dar durante o treinamento para os monitores. Esta seria a primeira etapa, ou seja de preparação.

Alternativas Econômicas

Como sabemos os Hupdë não são agricultores e nem pastores de forma que é difícil ver uma alternativa adaptada a sua forma cultural de caçadores. No entanto, acredito que a criação de gado não é uma iniciativa viável em toda a região, pois além de exigir um enorme investimento inicial como desmatamento e criação de pastos os benefícios serão sentidos a longo prazo, basta olhar as experiências existente e ver o trabalho que gera.

As pequenas criações familiares de porcos e galinhas são feitas no sentido de troca exclusivamente por produtos industrializados. Estas criações no entanto pode gerar algum excedente para o cosmo local. É comum ver galinhas e porcos em povoados-missão e estas geralmente colaboram para o aumento de doenças, pois são criados livremente, sem cercados nos povoados.

Uma iniciativa que vem sendo feita em alguns povoados de criação de antas pode ser uma alternativa a criação do gado, exigindo menos trabalho, pois não necessita-se por exemplo do desmatamento e a criação de pasto. No entanto uma dificuldade se apresenta com relação a esta alternativa. A anta é vista como um animal solto sujeito a caça. Talvez experimentar em algum grupo local que queira levar para frente esta opção.

Qualquer iniciativa de criação de animais não pode implementada para uma aldeia como um todo. Em outras palavras iniciativas ditas comunitárias não fazem parte da tradição destes povos. Todas estas iniciativas devem ser iniciadas através de famílias/grupo de fogo que é a unidade mínima de produção e consumo, tornando-se assim mais sustentável e muito mais com chances de dar certo. Iniciativas ditas comunitárias dificilmente dão certos neste aspecto de produção de alimentos.

Considerações finais

Um trabalho com estas populações deveriam em primeiro lugar não incentivar o aglomerado de vários grupos locais. Em outras palavras, qualquer iniciativa deveria favorecer o grupo local em seu território tradicional. Cada clã conhecem seu território tradicional e sua zona de perambulação. Evitar que estes venham a morar na margem dos rios que não faz parte de seu território tradicional ficando assim mais fácil para a procura de uma mão-de-obra barata para trabalhos de produção de excedentes para os grupos Tukano. Não se pode tentar mudar este relacionamento tradicional que dá o equilíbrio cultural da região. Este direcionamento proposto aqui é, sem dúvida, o oposto que os Hupdë tem escutado nestes últimos anos e mudar esta direção representa um trabalho difícil a ser executado.

Tive oportunidade de escutar a linha de pregação missionária para os próximos anos. Pelo menos na área do Tiquiê estar-se pensando em reavivar a tônica dos anos setenta: "Os Tukano tem que ajudar os Hupdë". Ano 2000 "ano da

libertação dos Hupdê”. Este tipo de pregação mostra mais uma vez quão desencarnada é pastoral missionária em relação a estes povos.

Num sistema altamente hierarquizado como existe em toda região, o conceito de libertação (tal como nós ocidentais pensamos) não tem significado. Na realidade, todos os clãs se sentem livres e ao mesmo tempo interligados por relações hierárquicas justificadas nos diversos mito.

Os Hupdê não são escravizados como um poderia pensar. Se um grupo vai trabalhar com um Tukano é porque eles precisam fazer determinada troca. Ou há favores a ser trocados. Os Hupdê são livre de aceitar ou não, portanto falar de escravos é apelar com conceitos que estão fora da realidade cultural existente e ainda se prestam para ambigüidade. Quem vive com este povo pode notar que tal liberdade existe. Por outro lado, historicamente está comprovado que nenhum povo dito escravizado foi libertado pelo próprio patrão, portanto mais um argumento para se mudar esta linha de pregação.

Renato Athias

São Gabriel da Cachoeira, 23 de dezembro de 1996